

O Jornal do Agronegócio Brasileiro. Agricultura, Pecuária, Meio Ambiente, Indústria, Energia e Turismo

## MUNDIAL BRANGUS MOVIMENTA R\$ 8,7 MI. E CONSOLIDA BRASIL COMO VITRINE GENÉTICA

Foto: Alex Quevedo



### PERDA DE 2 BI. DE SACAS: O IMPACTO DA CIGARRINHA NO MILHO

O sistema produtivo de milho no Brasil enfrenta o seu maior desafio sanitário das últimas décadas. Um estudo inédito, conduzido pela Embrapa Cerrados, Epagri e pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), quantificou o impacto devastador da cigarrinha-do-milho (*Dalbulus maidis*). Entre as safras de 2020 e 2024, a economia brasileira sofreu uma perda acumulada de 25,8 bilhões de dólares. *Página 12 e 13.*

### APRENDA SEM SAIR DA FAZENDA: SENAR/MS TEM 35 CURSOS AGRO GRATUITOS

*Página 11.*

*Com a participação de 13 delegações internacionais e um público de 3.000 pessoas em Londrina, o Congresso Mundial da raça Brangus encerrou sua jornada pelo Brasil com números recordes. A comercialização de animais e genética para países como Paraguai e Argentina confirma a força exportadora da pecuária nacional, que hoje vê no Brangus a terceira força em vendas de sêmen no país.*

O evento, organizado pela Associação Brasileira de Brangus (ABB), percorreu cerca de 5.000 quilômetros por quatro estados brasileiros. A etapa final em Londrina foi marcada pela alta liquidez nos quatro leilões realizados, que juntos somaram

R\$ 8,686 milhões. Além dos negócios em pista, o congresso evidenciou a adaptação da raça aos diversos biomas brasileiros, fator determinante para o crescimento de 357 sócios em 18 estados.

O sucesso comercial é acompanhado por um avanço técnico rigoroso. Durante os julgamentos, que contaram com 600

animais inscritos, a avaliação do jurado internacional Marcos Borges Júnior destacou a qualidade da seleção genética brasileira. Para o setor, o resultado do mundial valida o papel do Brangus como ferramenta estratégica para a produção de carne de qualidade e eficiência produtiva no campo.

*Páginas 3, 4 e 5.*

### BRASIL DISPUTA MERCADO JAPONÊS DE CARNE BOVINA DE US\$ 4 BILHÕES

*Página 6.*

### BALANÇA DE MS FECHA TRIMESTRE COM SALDO POSITIVO DE US\$ 1,76 BI

*Páginas 16.*

# PORQUE OS PRODUTORES DE GRÃOS ESTÃO ENTRANDO NA PECUÁRIA DE CORTE? PARTE I

Por **Guilherme Augusto Vieira**  
www.semiconfinamento.com.br

**E**ste artigo nasce da crescente demanda de agricultores — em especial produtores de soja e milho — que buscam diversificar ou integrar suas atividades com a pecuária de corte. Ao longo das minhas consultorias, notei um interesse latente não apenas nos sistemas tradicionais de confinamento e semiconfinamento, mas, sobretudo, na viabilidade da Recria Intensiva a Pasto (RIP) e da Terminação Intensiva a Pasto (TIP) como estratégias de aceleração do ciclo produtivo.

Minha motivação para aprofundar esses estudos também foi impulsionada por viagens técnicas às principais regiões produtoras de grãos. Ao ministrar palestras sobre pecuária intensiva para grupos de produtores, percebi uma demanda latente por maior clareza sobre a lógica do mercado e os processos produtivos. Essa vivência foi o catalisador para que eu sistematizasse esse conhecimento e editasse o Manual

específico.

Provavelmente o título nos remete as bases conceituais do sistema lavoura-pecuária. Entretanto o objetivo do artigo é elucidar quais os verdadeiros motivos, técnicos e econômicos, que levam os produtores de grãos entrarem na produção de pecuária de corte.

Segundo Klutchcouski et al (2003), O sistema de integração Lavoura-Pecuária (ILP) é uma estratégia de produção que integra culturas anuais e pecuária, no mesmo espaço, em consórcio, sucessão ou rotação, e busca potencializar a sinergia entre os componentes pecuária e lavoura.

Normalmente, a integração Lavoura-Pecuária é implantada em duas circunstâncias: quando a lavoura é cultivada em áreas de pastagens ou quando a pastagem é introduzida em áreas de lavoura. O sistema mais conhecido é a consorciação soja ou milho com o Brachiária ruziziensis, muito utilizado pelos produtores de grãos.

Klutchcouski et al (2003) aponta vários benefícios ao utilizar o sistema lavoura-pecuária, a se destacar:

a) Benefícios da lavoura para a pecuária: Rapidez e economicidade para pastagem tornando mais fácil a recuperação das pastagens além de que a formação de pastagem após o período da atividade agrícola é mais rápida e a custos menores;

b) Benefícios da pecuária para a lavoura: Recuperação física, química e biológica do solo; Cobertura do solo.

Várias são as vantagens do Sistema de



Foto: Arquivo Pessoal

Figura 1. Exemplo de Semiconfinamento

Integração Lavoura - Pecuária: aumento da produção de grãos e carnes, redução de custos de produção, produtores mais capitalizados, uso eficiente da terra e principalmente a tão sonhada sustentabilidade da agropecuária.

Voltando ao objetivo deste artigo, muitos produtores vêm integrando a pecuária de ciclo curto em suas propriedades, aproveitando a janela entre safras para o pastejo. Essa estratégia otimiza o uso da terra, permitindo que as áreas de grãos recebam pastagens temporárias antes de retornarem ao cultivo agrônômico principal.

Entre as produções de ciclo curto destacam-se: o semiconfinamento, TIP, RIP e o confinamento de bovinos.

Vale enfatizar, que há muito tempo, os pecuaristas (de leite e confinadores) adotam a “integração” lavoura-pecuária,

citando o caso do plantio de milho/sorgo para produção de silagens e com ótimos benefícios para a nutrição animal.

Mas o que é semiconfinamento, TIP, RIP e confinamento? qual diferença entre estes sistemas?

De acordo com Trivellato (2018), entende-se por semiconfinamento como o sistema de produção intensiva de bovinos que consiste na engorda de animais onde são utilizadas pastagens como alimentos volumosos e o fornecimento de ração concentrada nos cochos dispostos nos piquetes ou invernadas.

A figura evidencia um semiconfinamento com pastagens de ótima qualidade e o fornecimento de rações para os animais.

Daremos continuidade ao tema na próxima edição, explorando os outros sistemas de produção intensiva de bovinos. Até breve

**Agroin**<sup>®</sup>  
comunicação

JORNAL AGROIN AGRONEGÓCIOS  
Circulação Nacional

ANO XX - Nº 257  
9 de abril de 2026

Diretor:  
**WISLEY TORALES**  
wisley@agroin.com.br - 67 9.9974-6911

Jornalista Responsável:  
**WISLEY TORALES / DREMS 2254**  
wisley@agroin.com.br

Direto à Redação:  
**SUGESTÕES DE PAUTA**  
agroin@agroin.com.br - wisley@agroin.com.br

O Jornal Agroin Agronegócios é uma publicação de responsabilidade da Agroin Comunicação.

Tiragem:  
--- 100% DIGITAL ---  
Versão Digital: 108.527 e-mails válidos

Redação, Publicidade e Assinaturas  
Rua Ana Paula Fernandes, 471,  
Jardim Itatiaia, CEP 79042-130  
Campo Grande-MS  
Fone: (67) 3382-1739  
wisley@agroin.com.br  
www.agroin.com.br

**AGROIN COMUNICAÇÃO**  
Não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas entrevistas ou matérias assinadas.

**EMAIL**  
MARKETING



**Agroin**  
comunicação

Imagine seu leilão ou  
empresa em mais de **70.000**  
E-mails do Agronegócio Nacional!

Ligue: **67 3382-1739**

# CONGRESSO MUNDIAL BRANGUS MOVIMENTA R\$ 8,7 MILHÕES EM LEILÕES NO PARANÁ

*O Congresso Mundial Brangus encerrou sua etapa em Londrina (PR) com a movimentação expressiva de R\$ 8,7 milhões em leilões e negócios internacionais.*

A pecuária brasileira demonstrou sua força comercial durante o Congresso Mundial da raça Brangus, realizado entre 12 e 25 de março. O evento, que percorreu as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, teve em Londrina um de seus pontos mais altos em termos de volume financeiro. Quatro leilões principais foram os responsáveis por ofertar animais de elite, atraindo criadores do Brasil e de países vizinhos.

Ao todo, os remates totalizaram R\$ 8,686 milhões em vendas, englobando animais vivos e material genético. A demanda não se restringiu ao mercado interno; investidores da Argentina e do Paraguai marcaram presença ativa, adquirindo exemplares que agora passam a integrar rebanhos estratégicos na América do Sul. Essa movimentação confirma o status do Brasil como um dos grandes exportadores de genética adaptada.

O ambiente de negócios se estendeu para além das pistas de julgamento. Empresas do

setor de implementos e tecnologia agropecuária também reportaram resultados acima das expectativas. A Troncos e Balanças Açores, por exemplo, concretizou vendas diretas e iniciou tratativas comerciais que devem se estender pelos próximos meses, evidenciando a confiança do produtor no momento econômico da raça.

Este sucesso comercial é sustentado por números sólidos da Associação Brasileira de Brangus (ABB). Atualmente, a raça ocupa a terceira posição no ranking nacional de venda de sêmen, com 874 mil doses comercializadas apenas no último ano. Esse dado reflete a retomada vigorosa do cruzamento industrial no país, onde o Brangus atua como ferramenta de produtividade e precocidade.

A profissionalização da gestão dentro das propriedades tem sido um diferencial competitivo. A ABB foca sua atuação em áreas que vão além da estética animal, priorizando a eficiência alimentar e a qualidade de carcaça. Essa estratégia atrai um perfil



Foto: Alex Quevedo

de pecuarista que busca resultados mensuráveis no gancho do frigorífico e maior rentabilidade por hectare.

O engajamento das empresas patrocinadoras demonstra que o congresso funcionou como uma vitrine global. O relacionamento estabelecido entre as 13 delegações estrangeiras presentes e o empresariado nacional abre portas para futuras exportações de

tecnologias e insumos agropecuários produzidos no Brasil.

A etapa internacional encerrou-se com a transição de liderança para o Paraguai, que será a sede do próximo mundial. O país vizinho já é um dos principais parceiros comerciais do Brasil na compra de genética Brangus, o que deve manter aquecido o fluxo de negócios nos próximos ciclos.

## MUNDAL BRANGUS 2026: CONHEÇA OS GRANDES CAMPEÕES DA GENÉTICA GLOBAL

*O Congresso Mundial Brangus coroou seus supremos campeões em Londrina, reunindo 600 animais sob a avaliação do jurado internacional Marcos Borges Júnior.*

O alto nível técnico da genética brasileira foi o protagonista das pistas durante o Congresso Mundial Brangus 2026. Cerca de 600 animais, entre exemplares de argola e rústicos, foram submetidos a um rigoroso processo de seleção que atraiu os olhares de 13 delegações internacionais. A condução dos trabalhos ficou a cargo do jurado Marcos Borges Júnior, brasileiro radicado nos Estados Unidos, que trouxe uma perspectiva global ao explicar seus critérios em três idiomas.

A metodologia de julgamento priorizou animais que equilibram a caracterização racial com a funcionalidade econômica.

Foram analisados quesitos como aprumos, musculatura, precocidade e, principalmente, a capacidade de adaptação aos diversos climas e biomas brasileiros. Essa abordagem reforça o papel do Brangus como uma raça estratégica para a produção de carne de qualidade em escala industrial.

No Grande Campeonato, os destaques máximos foram para criatórios de tradição. O título de Supremo Grande Campeão foi conquistado pelo exemplar de Ricardo Bastos Tellechea, enquanto a Suprema Grande Campeã pertence à parceria entre Genética Vacacaí, Fazenda Ramada, Cesar Siqueira e Giovani Lizot. Esses animais representam o ápice da seleção nacional, unindo carcaças

volumosas e refinamento racial.

O evento também deu visibilidade ao trabalho dos rústicos, animais criados a campo que demonstram a viabilidade prática da raça em condições comerciais de produção. Cabanha Floripana e Agropecuária Guapiara também figuraram entre os principais vencedores, comprovando que a genética de ponta está distribuída por diferentes regiões do país.

As palestras técnicas realizadas durante a programação em Londrina complementaram os julgamentos. Especialistas apresentaram avanços em seleção genômica e eficiência alimentar, ferramentas que permitem identificar precocemente os animais que serão mais produtivos e rentáveis. O espaço das palestras permaneceu lotado, evidenciando o interesse dos criadores em aplicar ciência na lida do campo.

A vitrine internacional proporcionada



Foto: Alex Quevedo

pelo julgamento valoriza o trabalho dos cabanheiros brasileiros. Para a Associação Brasileira de Brangus, a visibilidade gerada atrai novos parceiros e fortalece o programa de melhoramento genético da raça, que hoje conta com suporte técnico qualificado em 18 estados.

O encerramento das competições marcou um momento de união entre os criadores. A interação entre técnicos e produtores durante as avaliações permitiu uma troca de experiências fundamental para o avanço da raça, focando sempre na entrega final de uma carne com marmoreio e maciez para o consumidor.

# GIRA TÉCNICA BRANGUS PERCORRE 5 MIL KM E CRUZA QUATRO ESTADOS BRASILEIROS

*O Congresso Mundial Brangus percorreu 5.000 quilômetros entre RS, PR, SP e MS, demonstrando a adaptação da raça em diferentes sistemas produtivos.*

A versatilidade do Brangus foi colocada à prova durante uma extensa programação itinerante que marcou o Congresso Mundial 2026. Ao longo de duas semanas, aproximadamente duas mil pessoas acompanharam as giras técnicas, que totalizaram 5.000 quilômetros percorridos por terra e ar. O roteiro incluiu passagens estratégicas pelos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul.

As visitas às propriedades rurais permitiram que as 13 delegações estrangeiras conhecessem de perto a realidade da pecuária brasileira. Cada fazenda apresentou particularidades em seus sistemas



Foto: Divulgação

*Fazenda Indaiá, em Paraíso das Águas-MS, onde é produzida a carne do Vermelho, recebeu visita técnica internacional e mostra como genética e tecnologia conectam o campo ao prato*

de criação, desde o manejo intensivo em pastagens tropicais até a terminação em confinamento. Essa diversidade evidenciou como a raça consegue manter altos índices de eficiência produtiva sob diferentes condições de clima e solo.

A comitiva foi formada por uma mistura de criadores, técnicos, lideranças políticas e representantes de empresas do setor. Essa interação direta no campo facilitou a troca de conhecimentos sobre manejo de pastagens e

suplementação estratégica. Para os visitantes internacionais, ver o Brangus prosperar em biomas tão distintos reforça o potencial de exportação da genética nacional para outros países tropicais e subtropicais.

O Rio Grande do Sul abriu a programação, mostrando a base da formação da raça e a seleção em campos sulinos. Na sequência, os participantes seguiram para o Paraná e São Paulo, onde as tecnologias de precisão e a integração lavoura-pecuária

ganharam destaque. A jornada foi encerrada no Mato Grosso do Sul, estado que exemplifica a expansão da raça nas áreas de fronteira agrícola.

O presidente do congresso, Ladislau Lancsarics, pontuou que a presença massiva de público nas fazendas comprova o engajamento do setor. O contato direto com os animais em ambiente de produção real é o que valida os dados apresentados nas palestras técnicas. A raça Brangus demonstrou, na prática, por que é considerada uma ferramenta de transformação para a pecuária moderna.

A logística do evento contou com o apoio de associações regionais e empresas locais, garantindo que toda a infraestrutura fosse compatível com a magnitude de um mundial. O sucesso dessa operação logística coloca o Brasil em uma posição de destaque na organização de grandes eventos do agronegócio internacional.

Ao final do percurso, o sentimento de valorização foi compartilhado por todos os envolvidos. Os criadores anfitriões puderam exibir o resultado de décadas de seleção para uma audiência global, abrindo novos canais de relacionamento e futuras parcerias comerciais. O próximo encontro está marcado para o Paraguai, que assumirá o desafio de manter o nível de integração visto em solo brasileiro.

GENÉTICA PROVADA

EFICIÊNCIA: 100%

EFICIÊNCIA: 100%

DEP: ELITE

## O TOURO DE MILHÕES

**VÍDEO YOUTUBE:**  
*Mais caro que OURO?  
O segredo do "Líquido"  
que vale R\$ 100 mil na  
pecuária!*

*Neste vídeo, eu te  
levo para dentro  
dos laboratórios de  
elite do Brasil para  
mostrar o "Ouro  
Líquido": o sêmen de  
tours provados.*

# ALÉM DA PISTA: ABB APRESENTA NÚMEROS QUE COLOCAM BRANGUS NO TOPO DO MERCADO

*A Associação Brasileira de Brangus (ABB) projeta um novo ciclo de crescimento focado em seleção genômica e eficiência alimentar para elevar a competitividade.*

O encerramento do Congresso Mundial Brangus 2026 trouxe à tona uma radiografia detalhada da raça no Brasil. Mais do que os resultados de pista, o que chamou a atenção dos observadores internacionais foi o nível de organização institucional da Associação Brasileira de Brangus (ABB). A entidade atravessa um processo consistente de profissionalização, que se reflete diretamente na confiança do pecuarista e na expansão da raça pelo território nacional.

Atualmente, o Brangus possui uma base sólida de 357 sócios ativos, com presença consolidada em 18 estados brasileiros. Essa capilaridade é sustentada por um corpo técnico de 20 inspetores credenciados, responsáveis por garantir o padrão racial e a qualidade dos registros. Anualmente, a associação processa cerca de 20 mil registros, um volume que atesta a escala de produção e o interesse constante de novos criadores.

No mercado de insumos genéticos, os indicadores são ainda mais expressivos. Segundo

dados do setor de inseminação artificial, o Brangus ocupa a terceira posição no ranking geral de venda de sêmen no país. No último ano, foram comercializadas 874 mil doses, um movimento que acompanha a forte retomada do cruzamento industrial nas fazendas brasileiras que buscam aliar a rusticidade do Zebu com a qualidade de carne do Taurino.

De acordo com o gerente executivo da ABB, Roberto Grecellé, o foco estratégico da raça mudou. O objetivo agora é avançar para além dos indicadores tradicionais de morfologia. A associação investe pesado em áreas como a avaliação de carcaça via ultrassonografia e a seleção genômica, permitindo identificar precocemente animais com maior potencial para deposição de gordura e marmoreio, características exigidas pelos mercados mais exigentes.

Outro pilar de sustentação para os próximos anos é a eficiência alimentar. Provas de desempenho realizadas em diferentes regiões do país buscam selecionar indivíduos que convertem menos alimento em mais arrobas. Essa característica é fun-



Foto: Alex Quevedo

damental para reduzir o ciclo de produção e aumentar a rentabilidade do pecuarista, especialmente em períodos de alta nos custos dos insumos e grãos para confinamento.

A eficiência produtiva, aliada à adaptação demonstrada nos diversos biomas brasileiros, coloca o Brangus como uma ferramenta estratégica para o avanço da pecuária nacional. O diretor de marketing, Sebastião Garcia Neto, pontua que a aptidão da raça para produzir carne de qualidade superior é o que garante a competitividade do setor no cenário global, atendendo tanto o mercado interno quanto a exportação.

O ambiente de inovação apresentado durante o congresso serviu como um convite para o futuro. Com a confirmação do

Paraguai como sede do próximo mundial, a expectativa é que a integração tecnológica entre os países do Mercosul se intensifique. A troca de dados genômicos entre as associações de diferentes países pode criar uma base de dados continental, acelerando ainda mais o ganho genético das próximas gerações.

O trabalho desenvolvido pela ABB mostra que o sucesso de uma raça depende de uma gestão técnica rigorosa e de uma visão clara sobre as demandas do consumidor final. O Brangus brasileiro entra em 2026 não apenas como uma opção de cruzamento, mas como um modelo de negócio estruturado em dados, ciência e resultados de campo, consolidando sua posição estratégica no agronegócio moderno.



**VÍDEO YOUTUBE:**  
*Você ainda acredita que o leite de caixinha é "química pura"? Muita gente deixa de consumir esse alimento por medo de conservantes como formol ou água oxigenada, mas a verdade vai te surpreender.*

# BRASIL DISPUTA MERCADO JAPONÊS DE CARNE BOVINA DE US\$ 4 BILHÕES

*Técnicos japoneses avaliam o sistema sanitário do Sul do Brasil até 13 de abril para validar a exportação de carne bovina de zonas livres de aftosa.*

O setor pecuário brasileiro vive dias de expectativa com a chegada de uma comitiva oficial do Japão. Auditores do Ministério da Agricultura, Florestas e Pesca, acompanhados por pesquisadores da Organização Nacional de Pesquisa em Agricultura e Alimentos do país asiático, iniciaram uma vistoria técnica que se estenderá até 13 de abril. O objetivo central é validar o sistema de defesa agropecuária do Brasil, passo determinante para a abertura de um dos mercados mais exigentes do mundo.

A inspeção foca nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Estas unidades da federação foram as primeiras a obter o reconhecimento internacional como zonas livres de febre aftosa sem vacinação. Embora o governo brasileiro tenha solicitado a inclusão de Rondônia e Acre no itinerário, os técnicos japoneses mantiveram o escopo inicial nas regiões sulistas, que servem de modelo para o protocolo sanitário exigido por Tóquio.

Esta auditoria in loco representa o ápice de um processo de negociação que dura décadas. Os auditores verificam a consistência dos dossiês enviados pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa). A agenda inclui visitas a propriedades rurais, plantas frigoríficas, laboratórios oficiais e postos de fiscalização em divisas estaduais e aeroportos. O rigor técnico é a marca desta missão, que busca assegurar a ausência de riscos biológicos nos processos produtivos.

## POTENCIAL DE MERCADO

O Japão importa anualmente 700 mil toneladas de carne bovina, movimentando cerca de US\$ 4 bilhões. Atualmente, 60% desse volume é suprido pelos Estados Unidos e Austrália.

O interesse brasileiro no Japão justifica-se pelo alto valor agregado do produto no mercado nipônico. Os preços médios pagos pela tonelada de carne bovina variam entre US\$ 4,5 mil e US\$ 6,8 mil. Além do retorno financeiro, o acesso ao Japão funciona como um "selo de qualidade" global, facilitando a entrada da proteína nacional em outros



Foto: Wisley Torres / Agroin Comunicação

mercados de elite que adotam padrões sanitários similares.

A rastreabilidade e o controle de movimentação animal são pontos centrais da análise. Os inspetores examinam a capacidade de resposta do serviço oficial brasileiro diante de eventuais emergências sanitárias. A eficácia da vigilância e a aplicação da legislação federal são confrontadas com a realidade observada nas fazendas e indústrias. O governo brasileiro mantém um termo de confidencialidade sobre os locais exatos das visitas para garantir a imparcialidade do processo.

A barreira sanitária é o primeiro obstáculo, mas o setor produtivo já monitora as condições comerciais. Exportadores brasileiros enfrentam tarifas de importação que chegam a 38,5% no Japão. Em comparação, a carne dos Estados Unidos entra no país asiático com taxa de 26,4% e a China aplica 12% dentro de suas cotas. Vencida a etapa da auditoria, o foco diplomático deve se voltar para a redução desses custos tributários.

O atual estágio das conversas é fruto de uma aceleração diplomática ocorrida em 2024. Após a visita do governo brasileiro ao gabinete do primeiro-ministro Shigeru Ishiba, as tratativas foram destravadas. Em junho de 2025, o Brasil recebeu o reconhecimento da Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA) como país livre de febre aftosa sem vacinação em todo o território nacional, cumprindo uma exigência histórica dos japoneses.

O Japão atravessa uma fase de busca por resiliência em sua cadeia de suprimentos de alimentos. A diversificação de fornecedores é vista como estratégica para a segurança alimentar da ilha. O embaixador japonês em Brasília, Yasushi Noguchi, sinalizou recentemente que o sucesso da inspeção no Sul pode abrir caminho para a avaliação de outros estados brasileiros em etapas futuras, consolidando a parceria bilateral.



**VÍDEO YOUTUBE:**  
*Você quer iniciar na suinocultura mas tem medo de perder dinheiro? Sabia que 80% do seu custo está na alimentação e que um erro no telhado da sua pocilga pode destruir seu lucro?*

# AFTOSA EM REBANHO CHINÊS PRESSIONA PEQUIM A REVER LIMITES DE IMPORTAÇÃO

*A detecção de surtos de febre aftosa na China sinaliza uma possível flexibilização nas salvaguardas e cotas de importação da carne bovina brasileira.*

O cenário das exportações de proteína animal brasileira para a Ásia ganha novos contornos nesta semana. A detecção de dois surtos de febre aftosa em território chinês acendeu o alerta sobre a segurança do abastecimento interno no país asiático. De acordo com análises da consultoria Agrifatto, este episódio atua como um sinalizador importante para o mercado brasileiro, podendo resultar na flexibilização das medidas de salvaguardas que limitam a entrada da carne bovina nacional em Pequim.

A febre aftosa é conhecida por sua alta taxa de infectividade, o que torna o controle da disseminação uma tarefa complexa para as autoridades sanitárias. A extensão desses focos e o impacto real no rebanho chinês determinarão a velocidade de reação do governo local. Embora a tomada de decisão não seja esperada para o curtíssimo prazo, a tendência é que o Brasil seja o principal beneficiado por uma eventual necessidade de reposição de estoques de proteína.

Atualmente, o Brasil opera sob um regime de cotas para o mercado chinês. Para o ano de 2026, o limite estabelecido é de 1,1 milhão de toneladas. Entretanto, o ritmo de embarques nos dois primeiros meses do ano demonstra uma aceleração significativa da demanda. Entre janeiro e fevereiro, os portos chineses já receberam mais de 370 mil toneladas da proteína brasileira, o que representa o preenchimento de mais de 33% do total permitido para o ano inteiro.

## RADIOGRAFIA DAS COTAS

A China estabeleceu uma cota geral de 2,6 milhões de toneladas para todos os

seus fornecedores globais em 2026. Até o final de fevereiro, 627,8 mil toneladas já haviam sido importadas, atingindo 23,3% do limite global.

Lideranças do setor frigorífico nacional acompanham os desdobramentos com cautela e atenção técnica. A avaliação nos bastidores das grandes indústrias é de que a confirmação da doença pressionará o Ministério do Comércio chinês (Mofcom) a reavaliar os volumes autorizados. Como a China é o maior comprador individual da carne brasileira, qualquer alteração nas barreiras comerciais tem impacto direto no Valor Bruto da Produção (VBP) do agronegócio nacional.

A situação sanitária na China ainda aguarda atualização nos sistemas oficiais da Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA). O histórico recente do país mostra episódios isolados, como o ocorrido em outubro de 2025, quando dez animais foram infectados, resultando no abate e descarte de 120 bovinos. A recorrência da doença em um curto intervalo de tempo levanta dúvidas sobre a eficácia dos controles internos chineses em áreas produtivas de alta densidade.

Além do impacto direto na bovinocultura, o alerta se estende para a suinocultura. A febre aftosa ataca animais de casco partido, categoria que inclui os suínos. Como a China detém o título de maior produtor e consumidor mundial desta proteína, qualquer contaminação nas granjas poderia causar um desequilíbrio sem precedentes nos preços globais de carnes. Até o momento, não há registros oficiais de focos em suínos, mas a vigilância foi redobrada.



Foto: Divulgação

## PODER DA SUINOCULTURA CHINESA

Em 2025, a produção de carne suína na China superou 59 milhões de toneladas, volume obtido com o abate de mais de 719 milhões de animais.

A dinâmica das exportações brasileiras também é influenciada pela diversificação de mercados. O setor busca reduzir a dependência excessiva de Pequim, mas reconhece que a China oferece escalas e preços difíceis de serem replicados por outros parceiros comerciais. A possível antecipação do preenchimento das cotas, aliada aos problemas sanitários locais, cria um ambiente de negociação favorável aos exportadores de Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul.

Especialistas em comércio exterior pontuam que a febre aftosa é uma enfer-

midade que impõe barreiras automáticas, mas, paradoxalmente, quando ocorre no país importador, tende a derrubar protecionismos econômicos em favor da segurança alimentar. A logística brasileira está preparada para atender um aumento súbito na demanda, caso as salvaguardas sejam efetivamente mitigadas antes do segundo semestre deste ano.

O acompanhamento dos dados do Mofcom será o termômetro para as próximas semanas. O Brasil monitora não apenas os volumes, mas também os preços médios da tonelada, que costumam apresentar valorização quando há riscos reais à oferta doméstica chinesa. A produção de suínos na China, que atingiu 59 milhões de toneladas em 2025, continua sendo a principal variável para o equilíbrio do consumo de carnes no país asiático.



Curta nossa página no Facebook e acompanhe na timeline da Agroin a evolução do Jornal Agroin Agronegócios

# FRANGO BRASILEIRO PERDE ESPAÇO NO ORIENTE MÉDIO APÓS INÍCIO DE CONFLITO

*Embarques de frango ao Oriente Médio caíram 21% em março devido a conflitos na região, enquanto as exportações de milho subiram, segundo a Secex.*

O cenário das exportações agropecuárias brasileiras registrou oscilações significativas no encerramento do primeiro trimestre. Dados divulgados nesta terça-feira (7/4) pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex) revelam que a instabilidade geopolítica no Oriente Médio alterou o fluxo de mercadorias nos portos nacionais. A eclosão de conflitos armados na região afetou diretamente a logística de produtos perecíveis, gerando um recuo nos embarques de proteína animal.

A carne de frango, um dos pilares da pauta exportadora brasileira para o mercado árabe, enfrentou o impacto mais severo. O volume de cortes de aves e miudezas enviado para um bloco de 15 países da região sofreu uma queda de 21% na comparação com março de 2025. O montante embarcado passou de 138 mil toneladas para 108 mil toneladas no período, refletindo a cautela de importadores e o aumento nos custos de frete e seguro internacional.

O levantamento estatístico compilou os

embarques destinados a parceiros históricos como Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Egito, além de mercados como Iraque, Kuwait, Catar e Israel. A retração é explicada pela interrupção de rotas comerciais seguras e pela priorização de itens de primeira necessidade e longa vida útil por parte dos governos locais. O Irã, especificamente, manteve um histórico de ausência de compras de aves brasileiras neste recorte mensal em ambos os anos analisados.

Em contraste com a proteína animal, o milho brasileiro registrou um movimento de ascensão. O cereal, utilizado primordialmente na alimentação de plantéis locais e na formação de reservas estratégicas, viu sua demanda crescer apesar do ambiente de guerra. Esse fenômeno é comum em períodos de instabilidade, quando nações buscam garantir estoques de grãos para assegurar a soberania alimentar e a continuidade da produção interna de alimentos, mesmo sob risco logístico.

A logística portuária brasileira precisou se adaptar rapidamente às novas exigências de segurança. O desvio de rotas tradicionais,

especialmente aquelas que cruzam áreas de tensão no Mar Vermelho, elevou o tempo de trânsito das mercadorias. Enquanto o frango congelado exige uma cadeia de frio ininterrupta e contêineres refrigerados (reefers), o milho a granel permite uma gestão de transporte mais resiliente, o que justifica, em parte, o desempenho positivo do grão frente às aves.

Os principais destinos monitorados pela reportagem incluem Irã, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Iraque, Kuwait, Catar, Omã, Bahrein, Israel, Iêmen, Síria, Líbano, Jordânia, Turquia e Egito. Cada um desses mercados apresenta uma dinâmica de consumo específica, mas todos compartilham a dependência direta dos fornecedores brasileiros para manter o equilíbrio de suas balanças de abastecimento doméstico.

A ausência de embarques para o Irã, tanto em março de 2025 quanto em 2026, acentua a manutenção de políticas comerciais específicas para aquele mercado. O país persa, embora seja um grande comprador de grãos, possui um sistema de certificação e protocolos para carnes que, neste período do ano, não resultou em fluxos efetivos. Esse dado é um indicador importante para os frigoríficos brasileiros que buscam diversificar seus clientes dentro do bloco árabe e islâmico.

A análise técnica dos números da Secex demonstra que, embora o faturamento possa ser sustentado pela alta dos preços



das commodities, o volume físico é o termômetro real da segurança comercial. O setor de aves agora monitora a duração das hostilidades para prever uma possível retomada no segundo trimestre. A capacidade do Brasil de oferecer produtos com certificação Halal permanece como um diferencial competitivo que deve ser explorado assim que as vias marítimas forem normalizadas.

O cenário futuro para o milho depende da manutenção dos contratos de exportação e da competitividade do grão brasileiro frente aos concorrentes dos Estados Unidos e da Argentina. Em tempos de guerra, a previsibilidade de entrega torna-se um ativo tão valioso quanto o próprio produto. O agronegócio nacional encerra março mostrando que a diversificação de portfólio é a melhor estratégia para enfrentar crises externas que fogem ao controle do produtor rural.

As operações para Jordânia, Turquia e Omã seguiram fluxos administrativos regulares, com ajustes pontuais de volume. A queda consolidada de 21% nas aves serve de alerta para as indústrias que possuem alta exposição ao mercado do Oriente Médio. O redirecionamento de cargas para outros mercados, como o Sudeste Asiático e a própria China, torna-se uma alternativa para escoar a produção que deixou de seguir para os portos árabes neste período de turbulência.

**ILUSÃO DE MARKETING?**

Ovos Brancos Granjeiros R\$ 10,69

**MESMA NUTRIÇÃO!**

Ovos Vermelhos R\$ 13,90

**VÍDEO YOUTUBE:**  
*Qual a real diferença entre o OVO VERMELHO e o OVO BRANCO? O segredo revelado.*

# EXPORTAÇÕES DE FRANGO CRESCEM 6% MESMO COM CRISE NO ORIENTE MÉDIO

***O Brasil exportou 504,3 mil toneladas de frango em março, alta de 6%, com faturamento recorde de US\$ 944,7 milhões, apesar da crise no Oriente Médio.***

O setor de avicultura de corte do Brasil demonstrou uma resiliência notável no encerramento do primeiro trimestre de 2026. De acordo com dados consolidados pela Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), as exportações de carne de frango — somando produtos in natura e processados — atingiram a marca de 504,3 mil toneladas em março. O volume representa um avanço de 6% sobre o desempenho do mesmo período de 2025, quando o país embarcou 476 mil toneladas.

O desempenho em volume foi acompanhado por uma valorização financeira expressiva. A receita mensal das vendas externas estabeleceu um novo recorde para o mês, somando US\$ 944,7 milhões. Este montante é 6,2% superior aos US\$ 889,9 milhões registrados em março do ano anterior. O resultado é reflexo da manutenção de preços competitivos e da forte demanda global pela proteína brasileira, reconhecida

por seu elevado status sanitário.

No acumulado do primeiro trimestre (janeiro a março), o Brasil enviou ao exterior 1,456 milhão de toneladas de carne de frango. O número supera em 5% o total exportado no primeiro trimestre de 2025. Em termos financeiros, o crescimento trimestral foi ainda mais robusto, totalizando US\$ 2,764 bilhões, um incremento de 6,9% na comparação anual, consolidando o setor como um dos pilares da balança comercial do agronegócio.

**A RETOMADA ESTRATÉGICA DA CHINA** - Um dos pontos de maior relevância no relatório da ABPA é o comportamento do mercado chinês. Após superar os desafios impostos por um foco isolado de Influenza Aviária de Alta Patogenicidade em maio de 2025, a China normalizou seu ritmo de compras. O gigante asiático importou 51,8 mil toneladas em março, uma expansão de 11,6% em relação ao mesmo mês de 2025. A retomada confirma a confiança de Pequim na biossegurança

da produção comercial brasileira.

Além da China, o Japão consolidou sua posição como destino preferencial, com um crescimento impressionante de 41,3%, totalizando 42,1 mil toneladas em março. A União Europeia também apresentou apetite elevado, importando 30,7 mil toneladas, o que significa uma alta de 33,7%. Já a África do Sul manteve a tendência de alta com 33,1 mil toneladas embarcadas, um incremento de 21,4% no período.

**LOGÍSTICA E O CONFLITO NO GOLFO PÉRSICO** - O cenário geopolítico no Oriente Médio, marcado pela escalada da Guerra no Golfo e o fechamento do Estreito de Ormuz, impôs desafios logísticos severos aos exportadores. Houve uma queda de 19,8% no volume embarcado para a região em comparação a fevereiro, mês anterior ao agravamento das hostilidades. Entretanto, os números mostram que o fluxo de alimentos não foi interrompido, graças à adoção de rotas alternativas de transporte.

**ANÁLISE DO SETOR** - "Os expressivos volumes comprovam que o fluxo de exportações segue acessando a região por rotas alternativas. São mais de 100 mil toneladas enviadas aos mercados da região em março, com 45 mil toneladas destinadas aos países diretamente impactados pelo fechamento de Ormuz", afirma Ricardo Santin, presi-

dente da ABPA.

A Arábia Saudita, destino histórico da proteína brasileira, registrou uma retração pontual de 5,3% no volume, recebendo 38,7 mil toneladas. Apesar disso, a efetividade das gestões de facilitação conduzidas pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) e pelo setor produtivo tem garantido que a oferta de alimentos chegue às áreas atingidas pela guerra, preservando a segurança alimentar das populações locais.

**DESEMPENHO REGIONAL** - No plano interno, o Paraná mantém a hegemonia absoluta na produção voltada à exportação. O estado embarcou 202 mil toneladas em março, crescendo 5,1%. O estado vizinho, Santa Catarina, aparece na segunda posição com 109 mil toneladas, uma alta de 2,7%. O Rio Grande do Sul registrou um salto de 11,9%, enviando 70,7 mil toneladas aos portos internacionais no encerramento do trimestre.

O crescimento mais acelerado entre os principais polos produtores ocorreu em São Paulo, que atingiu 32,5 mil toneladas (+22,6%). Goiás também apresentou um desempenho acima da média nacional, com embarques de 26 mil toneladas, o equivalente a uma expansão de 14,8% em relação ao volume registrado em março do ano passado.



**VÍDEO YOUTUBE:**  
*O prejuízo é invisível, mas o ralo de dinheiro na sua granja é real. Você sabia que uma infestação severa de ectoparasitas pode reduzir a sua produção de ovos em até 20% e explodir o consumo de ração em 10%?*

# FEICORTE ESTREIA NO PARAGUAI COM STATUS DE "INTERESSE TURÍSTICO NACIONAL"

*A primeira edição internacional da Feicorte reuniu a cadeia produtiva da carne em Assunção, no Paraguai, consolidando-se como plataforma estratégica antes da edição brasileira em junho.*



Foto: Divulgação  
Cerimônia de abertura Feicorte Paraguai

em eficiência e produtividade.

O Paraguai tem se consolidado como um polo de absorção de tecnologias brasileiras, e a Feicorte atuou como o elo necessário para estreitar essas conexões. Para especialistas do setor, o evento funcionou como um termômetro para o mercado regional, demonstrando que o produtor vizinho está ávido por soluções que garantam maior rentabilidade dentro da fazenda. A internacionalização reforça a autoridade da feira como vitrine para marcas que buscam dialogar diretamente com os tomadores de

decisão em escala continental.

A sinergia entre os dois países foi o ponto alto da programação técnica. Nomes de relevância da pecuária brasileira abordaram temas como nutrição de precisão em confinamentos, suplementação de fêmeas e intensificação da recria a pasto. Do lado paraguaio, a experiência prática no Chaco e a ciência aplicada à produção de carne trouxeram o contexto local para o debate, evidenciando desafios comuns de sanidade e manejo que impactam a terminação dos animais em ambos os territórios.

**AQUECIMENTO PARA A EDIÇÃO BRASILEIRA EM JUNHO** - Os resultados colhidos no Paraguai pavimentam o caminho para a Feicorte Brasil, que será realizada de 23 a 26 de junho, em Presidente Prudente (SP). Sob o tema "O Boi Brasileiro: um mundo de oportunidades", a edição nacional promete ser o principal polo de inovações e negócios do setor em 2026. O sucesso internacional serviu para elevar a expectativa das empresas patrocinadoras, que enxergam no evento uma oportunidade ímpar de conexão com as lideranças que definem os rumos da carne brasileira.

A edição de Presidente Prudente focará na preparação da cadeia produtiva para as exigências globais de rastreabilidade e sustentabilidade. Com o setor sob constante escrutínio de acordos internacionais, a Feicorte se posiciona como o ambiente onde genética, gestão e mercado se integram. Segundo Carla Tuccilio, CEO da Verum e organizadora do evento, a feira será o espaço para detalhar caminhos práticos que garantam ao Brasil a manutenção do posto de principal player global de proteína vermelha.

A programação em solo brasileiro deve ampliar os debates iniciados em Assunção, trazendo tecnologias de ponta em monitoramento de rebanho e eficiência alimentar. A tradição da Feicorte, aliada à sua nova fase de expansão, cria um ambiente de protagonismo para todos os elos da cadeia — do criador à indústria. O Recinto de Exposições Jacob Tosello será o palco dessa integração, conectando o conhecimento técnico gerado na academia às necessidades reais do dia a dia no campo.

**FAZENDA COLORADO**

**MAIOR PRODUTORA DE LEITE DO BRASIL; 100.000 LITROS/DIA**

**VÍDEO YOUTUBE:**  
*Confira como foi nossa visita a FAZENDA COLORADO e conheça seu sistema de produção em VÍDEO!!!*

# APRENDA SEM SAIR DA FAZENDA: SENAR/MS TEM 35 CURSOS AGRO GRATUITOS

*O Senar/MS disponibiliza 35 cursos gratuitos e autoinstrucionais via plataforma EAD, permitindo que produtores de Mato Grosso do Sul estudem de casa.*

A digitalização do campo no Mato Grosso do Sul avança para além das máquinas autônomas e do monitoramento via satélite, atingindo agora a base da pirâmide produtiva: o conhecimento. O Senar/MS consolidou sua Plataforma de Educação a Distância (EAD) como uma ferramenta estratégica para quem busca evolução técnica sem a necessidade de deslocamentos. Atualmente, o catálogo oferece 35 cursos gratuitos, focados em atender desde o trabalhador do campo até o gestor de grandes propriedades.

O grande diferencial deste modelo de ensino é o caráter autoinstrucional. Isso significa que o interessado não precisa aguardar a formação de turmas ou o cumprimento de calendários rígidos. Ao efetuar a matrícula, o acesso ao conteúdo é imediato, permitindo que o estudo ocorra no ritmo de cada indivíduo. Essa flexibilidade é determinante para a rotina rural, onde as janelas de tempo são ditadas pelo clima e pelos ciclos das culturas e da pecuária.

A metodologia foi estruturada para ser

consumida tanto em computadores quanto em dispositivos móveis, como celulares e tablets. Os materiais didáticos utilizam uma linguagem acessível e direta, com recursos interativos que facilitam a fixação do aprendizado. As avaliações integradas ao final de cada módulo garantem que o aluno absorveu os conceitos necessários antes de avançar para a próxima etapa da capacitação.

No portfólio de 35 cursos, destacam-se áreas que estão no topo das demandas atuais do agronegócio brasileiro. A agricultura de precisão, por exemplo, ensina o uso inteligente de dados para otimizar a aplicação de insumos. Já o curso de recuperação de pastagens atende a uma necessidade latente no estado, que possui vastas áreas com potencial de intensificação produtiva através do manejo correto do solo.

A gestão do negócio rural é outro pilar essencial dentro da plataforma. Em um cenário de margens cada vez mais apertadas e custos de produção voláteis, dominar as finanças e o planejamento estratégico da fazenda deixou de ser um diferencial para

se tornar um requisito de sobrevivência. O Senar/MS oferece ferramentas práticas que ajudam o produtor a enxergar a propriedade como uma empresa profissional e rentável.

O setor de energia também ganha espaço com a qualificação em sistemas fotovoltaicos. Com o Mato Grosso do Sul despontando como um polo de geração solar, preparar a mão de obra local para instalar e gerir essas fontes de energia limpa é um passo em direção à sustentabilidade econômica. Além disso, temas transversais, como a informática básica, servem de nivelamento para profissionais que estão em processo de inclusão digital.

A certificação emitida ao final de cada curso possui validade nacional e serve como comprovante de competência para o mercado de trabalho. Para o trabalhador rural, é uma forma de valorizar o currículo e pleitear melhores posições; para o proprietário, é a garantia de que sua equipe está alinhada às melhores práticas agrônomicas e gerenciais. A emissão do documento é feita diretamente pela plataforma após o preenchimento dos requisitos de aprovação.

## INFRAESTRUTURA DIGITAL

Todo o conteúdo pode ser acessado pelo endereço [ead.senarms.org.br](http://ead.senarms.org.br), exigindo apenas um cadastro simples com os dados básicos do participante.

O compromisso com a segurança também é pauta prioritária. O curso de segurança no trabalho rural aborda as nor-



mas vigentes para prevenir acidentes com máquinas, defensivos e animais, protegendo o maior patrimônio do agronegócio: as pessoas. Essa visão integrada entre tecnologia, gestão e bem-estar humano consolida a iniciativa como um suporte fundamental para a competitividade do agro sul-mato-grossense no mercado global.

Dessa forma, a tecnologia cumpre seu papel de democratizar o saber. Pequenos produtores, que muitas vezes enfrentavam dificuldades para participar de treinamentos presenciais devido à distância dos grandes centros, agora possuem a mesma qualidade de instrução que os gestores corporativos. A inovação no campo deixa de ser uma teoria distante para se tornar uma prática aplicada diariamente na rotina das fazendas de todas as regiões do estado.

O processo de inscrição permanece aberto continuamente no site oficial do Senar/MS. O sistema permite que o aluno gere seu histórico escolar e acesse os materiais de apoio a qualquer momento. A iniciativa visa preencher lacunas técnicas de forma rápida e eficiente, conectando a mão de obra local às tecnologias de ponta que já operam no campo brasileiro.

**QUEIJO ARTESANAL**

**SAIBA COMO FUNCIONA UMA QUEIJARIA ARTESANAL**

## VÍDEO YOUTUBE:

*Ela era gerente de pós venda em duas concessionárias, simultaneamente em Campo Grande no MS, e mudou radicalmente de profissão para reviver diariamente a infância dos finais de semana passados com a sua avó Zilda, na fabricação de queijos no sítio da família.*

# EMBRAPA E CNA QUANTIFICAM PERDAS B

*Estudo da Embrapa e CNA revela que a cigarrinha-do-milho causou prejuízo de US\$ 25,8 bilhões ao Brasil entre 2020 e 2024 devido a enfezamentos.*

O sistema produtivo de milho no Brasil enfrenta o seu maior desafio sanitário das últimas décadas. Um estudo inédito, conduzido pela Embrapa Cerrados, Epagri e pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), quantificou o impacto devastador da cigarrinha-do-milho (*Dalbulus maidis*). Entre as safras de 2020 e 2024, a economia brasileira sofreu uma perda acumulada de 25,8 bilhões de dólares.

O montante financeiro astronômico reflete a quebra de produtividade nas principais regiões produtoras. Segundo a pesquisa publicada na revista internacional *Crop Protection*, cerca de 2 bilhões de sacas de 60 quilos deixaram de ser colhidas no período analisado. Em termos percentuais, o Brasil

perdeu, em média, 22,7% de sua safra anual de milho em decorrência dos enfezamentos transmitidos pelo inseto-vetor.

A análise utilizou séries históricas da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) desde 1976 para traçar um comparativo de produtividade. Os dados comprovam que, embora a tecnologia tenha

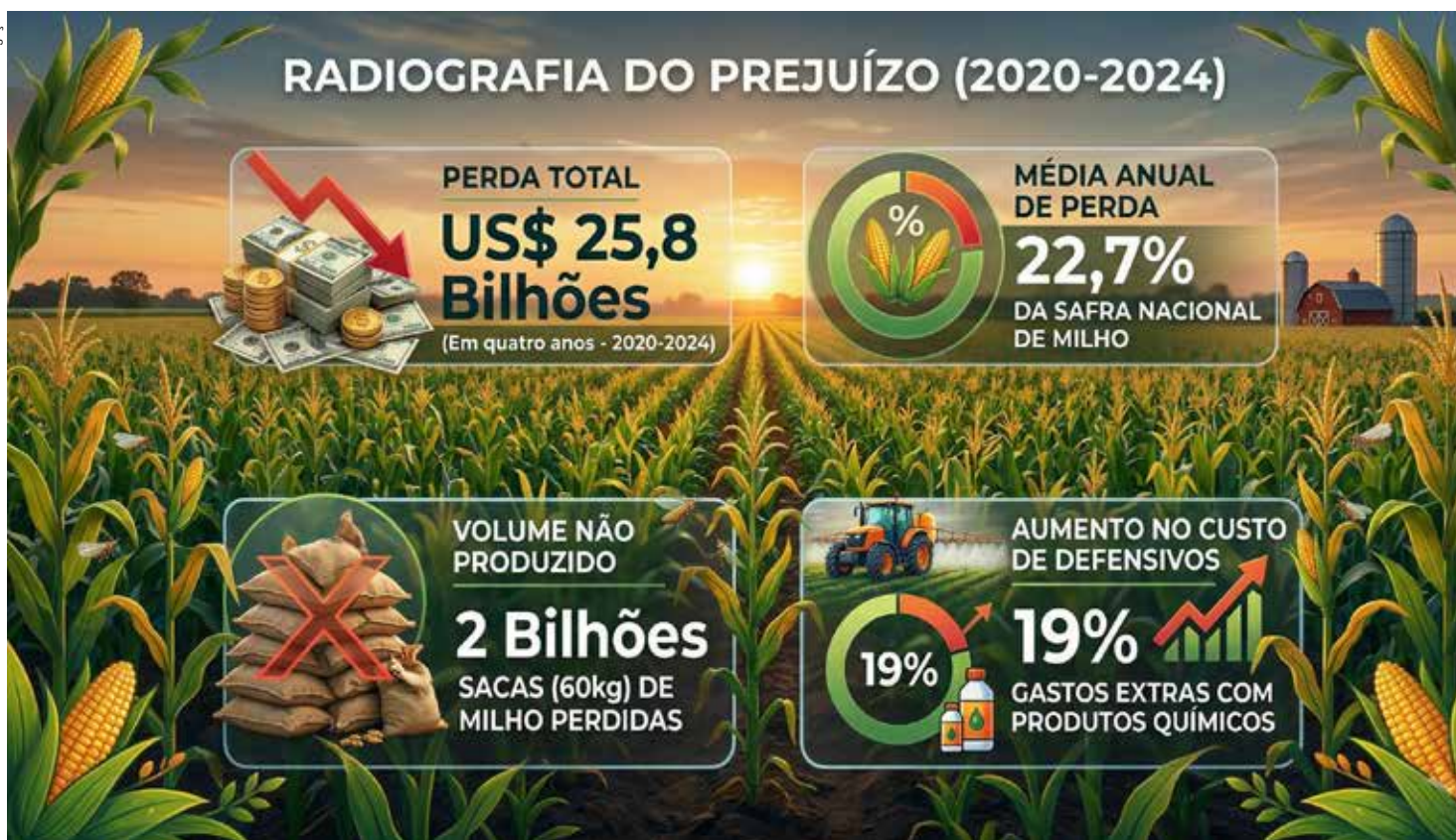
impulsionado a produção nacional nas últimas décadas, a pressão fitossanitária da cigarrinha impôs um teto produtivo severo, especialmente a partir de 2015, quando os surtos epidêmicos se tornaram frequentes.

Para os agricultores, o problema atinge diretamente o caixa da propriedade. O custo com a aplicação de inseticidas para o contro-

le da praga subiu 19% ao longo das quatro safras estudadas. Atualmente, o gasto médio supera nove dólares por hectare, elevando significativamente o custo operacional total. O cenário é agravado pela resistência que algumas populações do inseto já apresentam frente a determinados grupos químicos.

O pesquisador da Embrapa Cerrados,

Foto: Divulgação



**VÍDEO YOUTUBE:**  
*E depois de várias mensagens no instagran da @agroin\_comunic, resolvemos fazer um vídeo mais detalhado sobre os biológicos. Ele não anula o vídeo da visita que fizemos a Biotrop, mas sim é um complemento dele.*

# MILIONÁRIAS POR ENFEZAMENTO NO MILHO

Charles Oliveira, sustenta que o problema é complexo devido à inexistência de tratamentos curativos para os enfezamentos. Uma vez infectada pelos patógenos — o enfezamento pálido e o vermelho —, a planta sofre danos metabólicos que podem levar à perda total da lavoura, principalmente quando são utilizados híbridos de milho com baixa tolerância genética.

A dinâmica de cultivo no Brasil favorece a persistência da praga. A expansão da safriinha (segunda safra) e a presença de milho durante quase todo o ano no campo criam o que os técnicos chamam de "ponte verde". Esse ambiente permite que a cigarrinha e os microrganismos sobrevivam e se multipliquem de forma contínua, migrando de lavouras velhas para plantios novos.

Outro fator determinante para os prejuízos é o "milho tiguera" — plantas voluntárias que germinam a partir de grãos perdidos na colheita ou no transporte. Essas plantas servem de reservatório para as doenças e abrigo para o inseto durante a entressafra. A eliminação dessas plantas é considerada uma das medidas mais eficazes para interromper o ciclo biológico da praga no Cerrado e nas regiões Sul e Sudeste.

A pesquisa utilizou informações do projeto Campo Futuro, da CNA e do Senar, coletadas em 34 municípios representativos. Em 80% das localidades avaliadas, o complexo de enfezamentos foi apontado por produtores e especialistas como o fator central para a queda de produtividade. O



estudo transforma a percepção de campo em números sólidos, fundamentando a necessidade de políticas de defesa sanitária coordenadas.

Para mitigar os danos, o Manejo Integrado de Pragas (MIP) torna-se obrigatório. As recomendações técnicas incluem a sincronização do plantio entre vizinhos para evitar janelas de semeadura muito extensas, o que dilui a pressão da praga. Além disso, a escolha de cultivares com resistência genética comprovada é a ferramenta mais eficiente para manter a estabilidade produtiva mesmo sob alta infestação.

O controle biológico também ganha

espaço como alternativa sustentável. O uso de fungos entomopatogênicos, que são inimigos naturais da cigarrinha, tem demonstrado bons resultados quando associado ao controle químico. Essa estratégia ajuda a preservar a eficiência das moléculas inseticidas e reduz o impacto ambiental, mantendo o equilíbrio biológico dentro do agroecossistema.

O Brasil é o terceiro maior produtor mundial de milho e a estabilidade desta cadeia é estratégica para o abastecimento interno de proteína animal. Com uma produção estimada em 138,4 milhões de toneladas para a safra 2025/2026, o controle

da cigarrinha deixa de ser uma decisão individual do produtor para se tornar um compromisso coletivo de vigilância e boas práticas agrícolas em nível nacional.

Atualmente, a vigilância constante e o monitoramento populacional nos estádios iniciais da cultura (até V8) são as únicas formas de prevenir que a infecção atinja níveis de dano econômico irreversíveis. O setor produtivo aguarda agora a implementação de novas tecnologias genéticas e o fortalecimento das ações de defesa sanitária vegetal para proteger o valor da produção, estimado em 30 bilhões de dólares anuais.

**‘AGRO NATUREBA?’**  
O SEGREDO CHOCANTE DO CRESCIMENTO DE 30%

**VÍDEO YOUTUBE:**  
*Você ainda acredita que o Agro brasileiro "só usa veneno"? Muita gente na cidade teme os defensivos químicos, mas a verdade é que o campo está vivendo uma revolução tecnológica, extremamente verde e genuinamente científica que o marketing urbano esconde de você.*

# SAFRA 2025/26 ENCERRA COM ETANOL EM ALTA E QUEDA NO PREÇO DO AÇÚCAR

O encerramento do ciclo sucroenergético 2025/26 no Estado de São Paulo apresenta um cenário de contrastes para os produtores e usinas. Dados consolidados pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) indicam que, enquanto os biocombustíveis conseguiram sustentar valores médios superiores aos da temporada anterior, o mercado de açúcar enfrentou um movimento de correção técnica e baixa de preços.

No balanço final dos etanóis, o indicador Cepea/Esalq para o hidratado registrou uma média real de R\$ 2,7805 por litro. Esse valor representa um avanço de 6,52% em comparação com a safra 2024/25, já considerando o ajuste inflacionário pelo IGP-M de março. O etanol anidro, misturado à gasolina, seguiu tendência semelhante, fechando com média de R\$ 3,1291 por litro e alta de 6,21%.

Apesar da valorização nos preços médios, o volume de comercialização do etanol hidratado pelas usinas paulistas apresentou uma retração severa. De acordo com os pesquisadores, as vendas caíram 28% na comparação entre as temporadas. O mês de maio de 2025 figurou como o ponto de maior liquidez para as unidades produtoras, enquanto julho registrou o menor volume de negócios do ciclo.

Um fator determinante para o escoamento do biocombustível foi a paridade favorável nas bombas. Ao longo de quase todo o período 2025/26, a relação entre o preço do hidratado e da gasolina C permaneceu abaixo do patamar de 70% no Estado de São Paulo. Essa condição técnica estimula o consumo por parte dos proprietários de veículos flex, garantindo a competitividade do setor frente aos derivados de petróleo.

Diferente do setor de combustíveis, o açúcar cristal branco encerrou a temporada com números pressionados. A média da saca de 50 quilos em São Paulo recuou de R\$ 145,28 para R\$ 116,90, o que equivale a uma queda de quase 20%. Esse declínio é atribuído a uma maior disponibilidade global do alimento e ao reequilíbrio das forças de oferta e demanda após um período de preços atipicamente elevados.

A volatilidade no mercado de açúcar foi intensificada por componentes macroeconômicos e tensões geopolíticas internacionais. Embora esses fatores tenham gerado repiques pontuais de alta durante a safra, eles não foram suficientes para alterar a tendência de baixa. Para o novo ciclo, as perspectivas do Cepea indicam que os preços devem se manter estáveis ou sob nova pressão negativa devido ao aumento da oferta.



Foto: Wisley Torres / Agroin Comunicação

Com o início oficial da safra 2026/27 em 1º de abril, o sentimento predominante no campo é de cautela. As usinas brasileiras observam atentamente o comportamento do mercado de petróleo, influenciado diretamente pelos conflitos no Oriente Médio. O preço do barril é uma variável que baliza a estratégia das unidades produtoras na decisão entre fabricar mais açúcar ou priorizar o etanol.

Outro ponto de atenção para a nova

temporada é o crescimento da oferta de etanol proveniente do milho. A expansão das usinas de biocombustível a partir de grãos adiciona uma camada extra de complexidade ao planejamento do Centro-Sul. Esse cenário exige que as empresas do setor sucroenergético tenham agilidade na gestão de estoques e na precificação dos derivados.

## PROJEÇÃO DE MOAGEM

A região Centro-Sul deve processar entre 625 e 630 milhões de toneladas de cana na safra 2026/27, um aumento de até 4% em relação ao ciclo recém-encerrado.

O incremento na disponibilidade de matéria-prima para o processamento tende a elevar a produção total de açúcar, o que corrobora a tese de preços mais contidos no mercado internacional. A capacidade das usinas em otimizar a moagem e gerenciar os custos logísticos será o diferencial para a rentabilidade em um ambiente de margens mais estreitas.

Por fim, os desdobramentos financeiros da nova safra dependerão da estabilidade cambial e do consumo interno. O setor inicia os trabalhos com uma infraestrutura de campo robusta e expectativas de produtividade positiva, mas sob a sombra de um mercado global de commodities que exige monitoramento constante e decisões baseadas em dados técnicos rigorosos.



## VÍDEO YOUTUBE:

*Você já imaginou um veículo que custa o preço de uma mansão, tem suspensão de jato executivo e se dirige sozinho via satélite? Não estou falando de uma Ferrari ou de um Tesla, mas sim do coração do agronegócio moderno: o trator de alta potência.*

# IA E SATÉLITES REVELAM 13 MIL HECTARES DE TERRAS ABANDONADAS EM MINAS

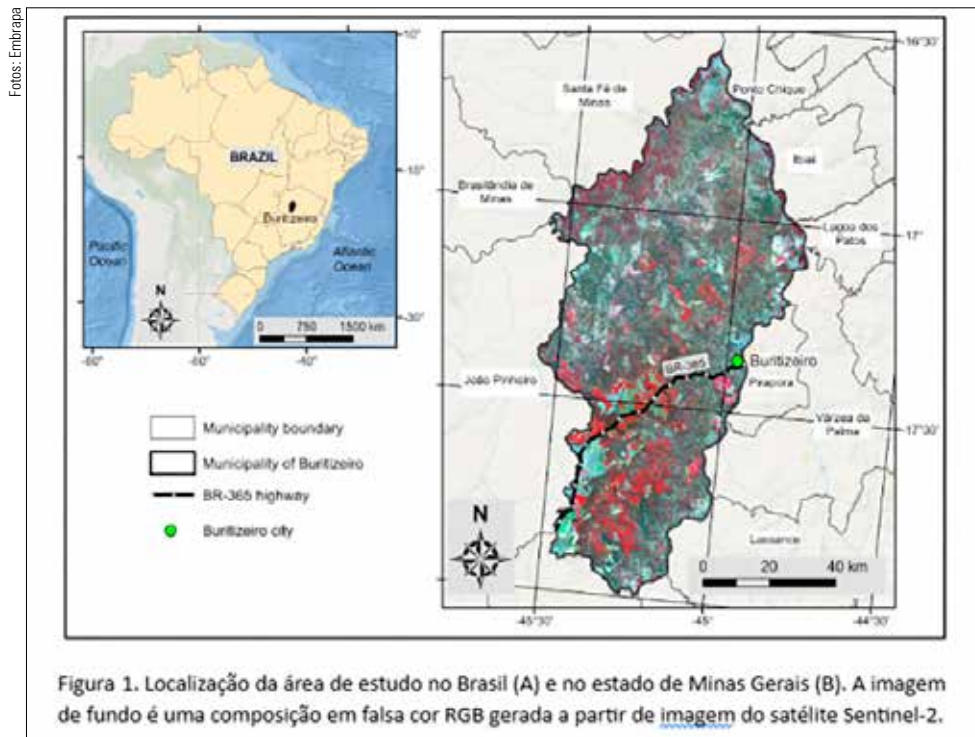
*Pesquisa da Embrapa e UnB usou IA e satélites para identificar 13 mil hectares de terras agrícolas abandonadas em Buritizeiro (MG) entre 2018 e 2022.*

A fronteira tecnológica do agronegócio brasileiro avançou um degrau significativo na gestão do território. Um estudo pioneiro, fruto da parceria entre a Embrapa e a Universidade de Brasília (UnB), combinou o monitoramento por satélites com ferramentas de inteligência artificial para mapear áreas agrícolas que deixaram de ser produtivas. O levantamento focou no município de Buritizeiro, no norte de Minas Gerais, revelando um cenário de transição no uso do solo no Cerrado.

Os pesquisadores utilizaram imagens do satélite Sentinel-2, da Agência Espacial Europeia (ESA), processadas por técnicas de aprendizado profundo (deep learning). O modelo computacional empregado foi a Rede Neural Totalmente Conectada (FCNN), capaz de reconhecer padrões complexos na cobertura vegetal. Essa metodologia permitiu classificar categorias como vegetação nativa, pastagens, lavouras anuais e, pela primeira vez, identificar com precisão as áreas agrícolas abandonadas.

A confiabilidade dos dados surpreendeu os especialistas do setor. O sistema alcançou uma acurácia de 94,7%, índice considerado excelente para o sensoriamento remoto aplicado à classificação de uso da terra. Essa precisão demonstra que a tecnologia pode ser uma aliada estratégica para o planejamento territorial, permitindo que gestores identifiquem onde a produção parou e quais são os vetores dessa mudança no bioma.

No recorte geográfico de Buritizeiro, os resultados apontam que 13 mil hectares foram abandonados entre 2018 e 2022. O montante equivale a aproximadamente 5% da área agrícola total existente no início do período analisado. A maior parte desse abandono — cerca de 87% — ocorreu em



antigas áreas de silvicultura, especificamente plantios de eucalipto que antes eram destinados à produção de carvão vegetal.

Segundo o pesquisador Edson Sano, da Embrapa Cerrados, fatores econômicos pesaram na decisão dos produtores. O

aumento nos custos de insumos, como fertilizantes, e as dificuldades logísticas desestimularam a continuidade de atividades em pequenas e médias propriedades. Muitas dessas áreas de silvicultura transicionaram para vegetação arbustiva após a extração da

madeira, sem que novos plantios fossem estabelecidos pelos proprietários.

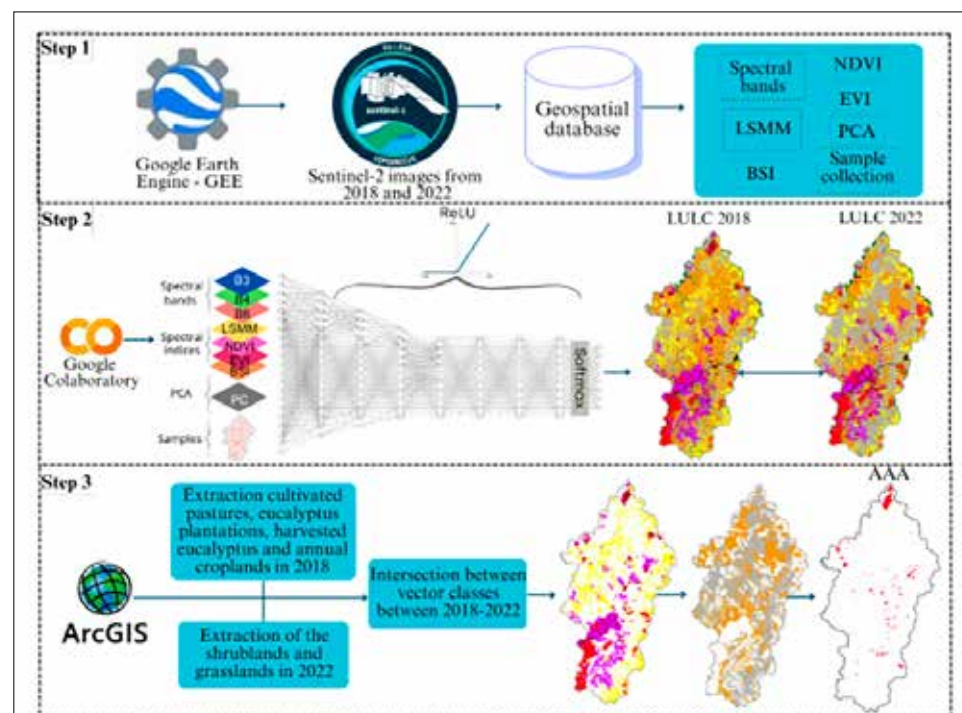
Um dado relevante do estudo é a estabilidade das lavouras anuais. Culturas intensivas como soja e milho não apresentaram sinais significativos de abandono no período avaliado. Isso indica que os sistemas de alta tecnologia e mecanização mantiveram sua viabilidade econômica e produtividade, mesmo diante das oscilações de mercado e dos desafios climáticos enfrentados pelo norte mineiro nos últimos cinco anos.

O mapeamento detalhado abre portas para novas estratégias de sustentabilidade. Áreas subutilizadas podem ser integradas a programas de restauração ambiental ou utilizadas para a contabilização de sequestro de carbono. A identificação exata desses polígonos permite a criação de corredores ecológicos, conectando fragmentos de vegetação nativa sem interferir nas áreas de produção agrícola consolidada e eficiente.

Apesar do sucesso técnico, os cientistas pontuam que o monitoramento ainda enfrenta desafios de refinamento. É necessário diferenciar o abandono permanente de períodos temporários de descanso da terra, conhecidos como pousio. Atualmente, a confirmação depende de séries históricas mais longas e, em alguns casos, da validação visual de técnicos em campo para evitar interpretações equivocadas sobre a atividade produtiva.

Outra dificuldade técnica reside na assinatura espectral. Diferenciar pastagens muito degradadas de vegetação nativa campestre exige algoritmos cada vez mais sofisticados, pois as respostas captadas pelos sensores de satélite são semelhantes. O uso de inteligência artificial aplicada à agropecuária digital foca justamente em resolver essas ambiguidades, garantindo que o planejamento rural seja baseado em evidências sólidas.

Os estudos contaram com a colaboração de equipes das unidades Embrapa Cerrados, Embrapa Agricultura Digital e Embrapa Meio Ambiente. O trabalho integrado salienta como a ciência brasileira consegue gerar ferramentas de baixo custo e alta escala para monitorar transições em savanas tropicais. O artigo detalhando toda a metodologia e os resultados foi publicado internacionalmente sob o título *Putting Abandoned Farmlands in the Legend of Land Use and Land Cover Maps of the Brazilian Tropical Savanna*.



# BALANÇA DE MS FECHA TRIMESTRE COM SALDO POSITIVO DE US\$ 1,76 BI

*Mato Grosso do Sul registrou US\$ 2,51 bilhões em exportações no primeiro trimestre de 2026, mantendo superávit de US\$ 1,76 bilhão na balança comercial.*

O desempenho do comércio exterior de Mato Grosso do Sul no primeiro trimestre de 2026 sustenta a trajetória positiva da economia estadual. Entre janeiro e março, as exportações somaram US\$ 2,51 bilhões, consolidando um saldo comercial de US\$ 1,76 bilhão. Os dados, detalhados pela Carta de Conjuntura do Setor Externo da Semadesc, revelam uma dinâmica de crescimento em volume, compensando as oscilações nos preços internacionais das commodities.

Embora o valor total exportado tenha registrado uma leve retração de 1,66% na comparação com o mesmo período de 2025, a movimentação física de mercadorias apresentou um avanço robusto. O estado embarcou 6,82 milhões de tonela-



Foto: Wisley Torres / Agroin Comunicação

das, um aumento de 11,83% em relação ao ano anterior. Esse fenômeno indica que a capacidade produtiva do estado continua em expansão, absorvendo as pressões de um cenário global complexo.

O setor agropecuário foi o principal motor desse crescimento volumétrico. O segmento apresentou alta de 11,11% nos preços médios e 11,41% no volume exportado. Segundo o secretário da Semadesc, Artur Falcette, o resultado é um reflexo direto da elevada oferta global e da instabilidade geopolítica, fatores que limitam o crescimento do valor financeiro, apesar do esforço produtivo das fazendas e indústrias locais.

#### DESEMPENHO POR PRODUTO

A soja assumiu a liderança da pauta

exportadora com 28,32% de participação, desbancando a celulose, que agora detém 27,41%. A carne bovina aparece em terceiro lugar, com 19,38%.

A mudança no topo do ranking de produtos evidencia a força da safra de grãos neste início de ano. A celulose, que historicamente ocupa o primeiro posto, manteve-se competitiva, mas viu o complexo soja ganhar tração nos portos. Além destes, o farelo de soja, a carne de aves e o milho seguem como itens de alta relevância para a manutenção do fluxo cambial do estado.

No campo das importações, Mato Grosso do Sul registrou a entrada de US\$ 751,58 milhões em mercadorias, um crescimento de 10,10%. O gás natural retomou sua

posição como o principal item importado, representando 24,21% do total. O insumo energético é acompanhado por bens de capital, como caldeiras de geradores de vapor e derivados de álcool, necessários para a manutenção do parque industrial.

A China mantém sua hegemonia como o principal destino dos produtos sul-mato-grossenses, sendo responsável por absorver 44,84% das vendas externas. No entanto, o relatório aponta uma diversificação estratégica: os Estados Unidos elevaram sua participação para 8,58%, seguidos pelos Países Baixos (4,35%) e Itália (3,0%). Essa maior concentração de vendas para o mercado norte-americano é um dos destaques do trimestre.

#### DINÂMICA REGIONAL

Três Lagoas lidera as exportações municipais com 18,94% do total, seguida por Ribas do Rio Pardo (12,01%), impulsionada pela indústria de celulose, e Dourados (9,87%).

A logística de escoamento permanece dependente da infraestrutura portuária das regiões Sul e Sudeste. O Porto de Paranaguá (PR) é a principal porta de saída para o mundo, concentrando 40,83% das operações. Santos (SP) aparece logo atrás com 38,27%, enquanto São Francisco do Sul (SC) absorve 9,37% dos embarques. O uso desses terminais garante a eficiência no transporte de grandes volumes de grãos e proteína animal.

Na análise setorial, a indústria de transformação enfrentou desafios, com queda de 3% nos preços e 2,68% no volume. Já a indústria extrativa viveu um cenário atípico: houve uma redução drástica de 45,29% nos preços recebidos, mas o volume exportado saltou 42,36%. Essa estratégia de compensar a desvalorização do preço com o aumento da quantidade embarcada foi essencial para mitigar prejuízos no setor mineral.

O cenário cambial também influenciou as transações. Em março de 2026, a cotação média do dólar ficou em R\$ 5,23. O valor representa uma estabilidade relativa frente a fevereiro, mas indica uma valorização do Real de 8,96% quando comparado a março do ano anterior. Esse movimento afeta diretamente a conversão da receita bruta dos produtores que operam no mercado internacional.

Mato Grosso do Sul sustenta um padrão consistente de superávits comerciais ininterruptos desde o ano de 2015.

SE INSCREVA  
EM NOSSO  
CANAL NO  
YOUTUBE  
CLIQUE AQUI!!!